

## 10 — DESASTRE

### 1.

— Tenho de ir — repetiu Fernão, enquanto percorria com o dedo o contorno fino do pé pousado no seu estômago. — Não faças essa cara, são horas.

Encostado a uma trave da ponte, o rapaz deitava olhares fugidios ao manto informe, tingido de azul, que, em baixo, fazia as vezes de Tejo. Lisa reclinara-se na viga, de braços pendentes no vazio, deixava que o vento dançasse com o seu vestido. Sempre sem rede, sem outro apoio que o corpo dele. De repente, a rapariga retraiu a perna e arremessou-lha contra a cara, o golpe foi evitado por escassos centímetros. Fernão protestou, era tarde e ela sabia. Mas não resistiu: afundou o rosto no pé, trincou voraz o calcanhar, passou a língua por entre os dedinhos delicados.

Estava à mercê dela. De nada adiantaria ordenar que aquela projecção desaparecesse, ou pedir-lhe que se fosse instalar, quieta, a dois metros de distância. Ela não obedeceria. Alguma coisa estava muito errada ou muito certa com aquele velho módulo caseiro que lhe permitia ligar-se ao Rest.1, e onde as regras não se aplicavam. Não havia dúvida de que acedia a um mundo defectivo, bastava observar o tracejar de casas desfocadas que representava Lisboa para não lhe dar crédito; e, no entanto, aquela interacção com Lisa revelava-se infinitamente mais estimulante do que as experiências do Instituto. Podia, claro, convocá-la também no Rest.2, fazê-la passear a seu lado nas ruas de Pequim, mas lá nunca passava de um rascunho, sem personalidade. Já a entidade que à sua frente se distendia no tabuleiro enferrujado da ponte tinha vontade própria, era ela quem ditava as regras. Indomável, *real*. Essa descoberta mudara tudo. Agora regressava todas as noites ao módulo da dona Graça, ávido do jogo imprevisível.

— Sabes o que me apetecia agora? — perguntou ela, ao fim de uns minutos.

— Um cigarro?

— Destruir a ponte sobre o Tejo. Como num filme.

Ele ficou uns segundos a ver as gaiotas lançarem-se em desvario contra o mar.

— Isso é possível? — perguntou enfim, a tentar certificar-se de que ouvira bem.

— Aqui não, exercem controlo sobre tudo, o conteúdo está codificado. Mas no Rest.2... É um mundo virgem, podes fazer o que quiseres. Nem sabes a sorte que tens.

— OK, então amanhã chegava lá e dava cabo da ponte. Mas... e depois? No dia seguinte?

— Então... No dia seguinte, estava lá tudo outra vez. É um mundo virtual, nada se destrói para sempre.

Fernão matutou na ideia. Poucos dias antes, cumprindo as indicações de Jacinto, bloqueara outro quadro. O terceiro. Isso, sim, era para sempre. Ainda ninguém assinalara a falta do Amadeo, e já se tinham passado três meses. Mas certamente o irmão estabelecera outro tipo de contactos, porque o segundo trabalho fora mais ambicioso: um dos *Caprichos* de Goya. Peixe graúdo, o desaparecimento fora logo notificado. Assim como o da operação mais recente, uma tal *Flauta de Pan* do Picasso. Não conhecia os valores envolvidos nas transacções, mas eram elevados. Jacinto ficara depositário da sua quota-parte. Se, de facto saldara as dívidas, como garantia, o que tinham lucrado com esse simples bloqueamento correspondia ao salário de um ano de estiva.

Claro que não contara a Lisa, nem na vida real nem ali. Não contara a ninguém.

— Acho que nunca pensei nisso assim — O rapaz tornava a ideia palpável: — Usar o meu tempo de ligação para criar um apocalipse. Arrasar com as coisas.

— Estás a ser literal outra vez — afirmou ela, e levou a lata de cerveja aos lábios. — Achava que já tinhas ultrapassado essas dúvidas. Quando fechas os olhos e mudas de localização, também estás a arrasar com um cenário.

A Lisa virtual acabou de beber e lançou a lata o mais longe que pôde. O recipiente desenhou uma longa curva antes de ser engolido pelas águas.

— Vês? Plof. Poluí o rio Tejo. Só que... não. Porque a lata de cerveja não existe. Nem o rio Tejo. Nem o meu corpo.

Fernão levantou-se, torceu a boca. A rapariga pôs-se em pé, nova rajada de vento espalhou-lhe o cabelo pelo rosto. *Mas tu existes*, pensou. Ali estava ela ao seu lado, a oferecer-lhe um beijo apaixonado, dos que anunciavam a despedida.

Então, sem pré-aviso, aquela comparsa fintou-o com um movimento brusco que o fez desequilibrar-se, quase perder o pé.

— Cuidado! Ia caindo daqui abaixo — Fernão penetrou aquele olhar insidioso. — Ainda me estragavas o fantasma.

— Estragava nada. Amanhã estavas cá outra vez.

Tinha sempre de lutar para não parecer ingénuo. Lisa já se colara de novo a ele, envolvendo-o num abraço que se podia revelar perigoso. Ao sentir que a língua dela o invadia, teve um instante de pavor, precisava de sair dali. E fechou os olhos.

\*

Quando os abriu, a verdadeira Lisa estava debruçada sobre o módulo, com uma expressão que tanto podia ser de enfado como de preocupação.

— Estavas a abanar-te todo.

Era preocupação. Fernão sorriu para tranquilizá-la.

— Tudo normal — garantiu.

Ela suspirou, virou a cabeça noutra direcção. A dona Graça passou por trás da neta, silenciosa, talvez a sentir crescer a tensão. Fernão mudou de opinião: era enfado.

— Voltaste a deixar-me imenso tempo à espera...

— Não foi assim tanto tempo — rebateu Fernão, antes de consultar o relógio da sala. A namorada tinha razão. — Desculpa, perdi a noção. Pode acontecer.

— Mas agora acontece sempre. Não percebo. Achas que para mim é um desvio pequeno passar por aqui? Moro longe, caso não te lembres...

— Tens razão. Desculpa, vou ser mais cuidadoso. A sério. — E, enquanto se retirava do módulo, pediu: — Dá-me só uns minutos, já saímos.

— É claro que não vamos sair a esta hora — A voz de Lisa não lhe deixava nenhuma margem. — Eu amanhã trabalho.

— E eu não? — Não aguentava aquele hábito que ela tinha de invocar o seu estatuto de trabalhadora. — Já sei que achas que o que eu faço é uma brincadeira. Mas estás bem enganada.

— Pois não parece. Chegas a casa e só pensas em voltar a ligar-te.

Quando é que aquelas zangas tinham começado a fazer parte do quotidiano? Fernão baixou os braços. Naturalmente, ela não podia compreender a sua conduta e, em boa verdade, ele não podia dizer que estivesse errada.

— Ouve... já pedi desculpa — Mas Lisa levantara-se, parecia pronta para sair pela porta. — Vá lá. Não te vás já embora.

— Vou, tenho de dormir. Amanhã acordo cedo. Não estou a dizer que tu...

O rapaz aproximou-se, pôs-lhe a mão no ombro. Confiava naquele olhar cúmplice que ela sabia descodificar, e manteve a pressão enquanto aproximava a testa da dela.

— Fica — baixara a voz. A dona Graça estava na cozinha. — Ali em casa. Vá lá.  
Lisa considerou a proposta, hesitou. Mas decidiu-se:

— Não. Não ia dormir nada. Amanhã tinha de me levantar cedíssimo para chegar a horas ao trabalho, não dá. Hoje, não. Amanhã, se quiseres. Podemos ir dar uma volta assim que cair a noite e depois vimos para tua casa. No outro dia não trabalho tão cedo.

Fernão não pareceu muito entusiasta e Lisa, descontente, concluiu:

— Não te convém, não é? Uma noite no mundo real! OK, até à vista — e virou as costas, pronta para sair.

— Não, espera — chamou Fernão, aflito. — Sim. Claro que me convém. Quero estar contigo. Vemo-nos no Torel, amanhã, às oito. Nenhum problema.

## 2.

— Então? Deu-te a notícia? — Bartolomeu estava à sua espera, com um sorriso expectante, quando Fernão regressou à sala de impulsão, depois de Marcello o ter chamado ao gabinete.

— Já sabias? — Fernão não deixava transparecer nenhuma emoção.

— Ele perguntou-me ontem o que eu achava.

Mas era mentira, fora Bartolomeu a propor a ideia a Marcello. Se a Bóreas chegasse a acordo com a administração portuária, Fernão podia embarcar para Setúbal numa sexta à noite e voltar no domingo. O tutor não estava certo de que fosse uma boa ideia faltar ao sábado, abria-se um precedente e não havia propriamente justificação. Mas Bartolomeu insistira: Elda já obtivera uma dispensa por ocasião do casamento dos pais, e afinal, Fernão era o único impulsor sem apoio familiar em Lisboa.

— E tu achas que a ideia me agrada... — disse Fernão. Era uma tirada equívoca, entre a pergunta e a suposição irónica.

— Não? Achava que gostavas de ir. Estás sempre a contar histórias de Setúbal...

— A altura não é boa. É só isso.

Bartolomeu era tão ingénuo às vezes... Depois das recentes revelações do Rest.2, que ia ele fazer a casa dois dias? Atirar uma granada e fugir? Era impensável cortar um cordão umbilical com meia dúzia de palavras, e impossível ignorar o assunto.

— Quer dizer que recusaste?

— Não disse que não nem que sim.

Tiago chegou à sala nesse momento. Apesar das olheiras, que ameaçavam tornar-se permanentes, mantinha um ar jovial. Lançou um punho cerrado contra o ombro de Bartolomeu, depois fez com o queixo um trejeito que era uma interrogação subentendida.

— Diz que não sabe se vai — explicitou Bartolomeu.

— O quê, tu também já sabias? — espantou-se Fernão.

Tiago soergueu as sobrancelhas, menos um pedido de desculpas do que a admissão de um privilégio. Estava por dentro de tudo. Entre ele e Bartolomeu houve um olhar veloz que denotava mais cumplicidade do que Fernão estava à espera.

— Disse-lhe ontem à noite — confirmou Bartolomeu.

Fernão sentiu uma fúria inexplicável crescer dentro de si. Durante meses, vira Bartolomeu como o seu único amigo em Lisboa. De repente, alguma coisa naquele entendimento calado com Tiago minava esse companheirismo imaginado, expunha as suas fragilidades. Provavelmente o colega não esquecera aquele arrufo no Rest.2, por ocasião da troca de corpos na estação. Ou não tinha nada que ver, e esse episódio era apenas o sintoma de um equívoco. O projecto impunha a camaradagem, como um serviço militar; e Bartolomeu era camarada. Mas não podia esperar da parte dele mais do que uma simpatia indulgente pelos seus gostos pesados, pelas «histórias de Setúbal». Já Tiago vinha de boas famílias, sabia coisas, vestia-se bem. Esse, sim, cabia no mundo dele.

Não mais do que dez minutos depois, no Rest.2, Fernão estava no centro da avenida Luísa Todí. Nunca procurara reconstituir a sua cidade: para a frente é que é o caminho. Setúbal era terra bem pacata, para quem, como ele, estava agora habituado a percorrer as ruas de Londres, Nova Iorque, Tóquio. Mas era o que apetecia, gozar o seu ambiente, enquanto o sol lhe batia no rosto. Circulou no Mercado do Livramento de cabeça levantada, a fazer-se parte da azáfama de gente e produtos expostos. Na esplanada de um café, ao longe, viu a mãe, Glicínia, limpar a mesa onde Valter, o irmão mais novo, derramara um copo de leite. Sorriu: deixá-los.

Flanou pelas ruas secundárias, ao som de gritos e música popular, sob um cheiro intenso a pescado. Era aquilo, e acabou. Mas dizia-o para si mesmo, de semblante carregado, consciente de que o sentimento de opressão dos últimos dias se alimentava. E vinham-lhe ânsias de rasar a cidade inteira com um incêndio, um terramoto de que só ele saísse ileso — ou nem sequer.

Chegara à marginal. Fechou os olhos, queria sossego, e espaço à sua volta.

Abriu-os um instante depois num barco de pescadores, ao largo da costa, sozinho. Ao longe, a cidade, ladeada pelo Forte de São Filipe, diminuía de importância. A

península de Tróia, à direita, entrava pelo mar. Fernão submergiu a mão estropiada na água cristalina, deixou-se embalar. *É doce morrer no mar*, pensou.

E mergulhou.

\*

— O Cais do Sodré! Como é belo, o Cais do Sodré! — gritou Fernão no silêncio da noite, enquanto corria pela praça abandonada de braços estendidos. — Olha para nós! No centro do universo!

Olhava para Lisa com um sorriso rasgado. A jovem esforçou-se por rir, e pensou em lançar-se também ela numa corrida, mas não sentiu ânimo para tanto. O sorriso ficou-lhe colado à cara. Não conhecia Fernão há muito tempo, mas sabia quando o seu entusiasmo era autêntico. Naquela noite, era tudo a fingir.

Estava bastante escuro na cidade deserta. Foram sentar-se nos degraus da antiga estação ferroviária, e Fernão abriu um maço de cigarros. Agora, aparecia sempre com aquelas novidades. Fumava uns a seguir aos outros, como se fossem gratuitos. Mas caprichos daqueles custavam caro; e só se encontravam por vias travessas.

— Caem-te das árvores, é? — perguntou ela.

— O meu irmão, já sabes — disse Fernão, lacónico.

Lisa já sabia. Fernão fizera tudo para que não se cruzassem, mas ainda assim ela tivera um encontro fugaz, antipático, com Jacinto. Já estava habituada a que olhassem para ela com um misto de surpresa e de desdém. Jacinto era daquelas pessoas que duvidavam que o seu apelido fosse mesmo Gomes e que se lhe referiam nas costas como «a chinesa». Enfim, pelo menos assim supunha. Ela também não esperara por contactos suplementares para concluir que o irmão mais velho do namorado não era boa peça.

— Para estivador, é bem desenrascado — não pôde deixar de comentar.

— Já cá faltava. E tu, claro, conheces a vida da estiva de trás para a frente.

— Por acaso, conheço. O meu pai... Bom, deixa, não vamos entrar agora nessa discussão, por favor.

— Não penses que a minha família passa fome. É só isso.

— Quem é que disse tal coisa? Mas passar fome não seria vergonha. Já roubar...

Calou-se, arrependida, receosa de que a boca degenerasse em mais uma troca acesa de acusações. Mas Fernão deixou-se ficar calado. As noites ainda não estavam frias, mas isso não a consolava; gostava mesmo era do calor de Verão. Chegou-se mais perto

dele, ombro no ombro. Fernão escondia-lhe coisas, era evidente. O secretismo das conversas com o irmão, aquele mau humor permanente, a pressa com que corria todas as noites para o módulo da avó... Dava mostras de mal-estar, sempre a fumar como um danado, e dizia que ela não podia compreender. Era certo que havia factores atenuantes. Não processara ainda o facto de ter sido adoptado; referira-se à descoberta com palavras vagas, indecisas, e não voltara a tocar no assunto.

Procurou a boca do rapaz, às turras, como os gatos. Era o modo deles de se reconciliarem, e funcionava sempre.

— Ando um bocado nervoso, eu sei — Fernão falava-lhe junto à orelha. Ainda sentia a garganta arranhada do esforço daquela manhã no mar, mas claro que era só uma impressão. Só podia ser, porque não tinha acontecido *mesmo* nada.

— Eu também não queria... Ouve, mas há uma coisa que te queria dizer — Ele afastou um pouco a cabeça para ouvir, e Lisa continuou: — Acho que devias ir a Setúbal falar com a tua mãe, não precisas de ficar lá um mês para teres a conversa. Não podes é continuar a fazer de conta que não aconteceu nada.

Fernão deu uma passa no cigarro, de feições impenetráveis, antes de responder.

— Tens de estragar sempre tudo, não é? — Cuspia as palavras como pó. — Depois perguntas-te por que é já não me apetece sair. Se ao menos soubesses estar calada.

Sentindo-se ferida, Lisa levantou-se e avançou para o outro lado da avenida. Ele não a seguiu, e por ela tanto melhor. Acendeu a lanterna, contornou as esquinas de prédios decrepitos. Lisboa a cair aos bocados. Já não era possível continuar assim. Ela não era uma boneca para ficar de boca fechada, e, se ele não era capaz de partilhar nada, então não valia a pena continuarem juntos. Ia na rua de São Paulo quando ouviu passos de corrida atrás dela. Em pouco tempo, Fernão agarrou-lhe o braço.

— Deixa-me — refilou ela. — Comigo não falas assim.

— Lisa, vá lá... Desculpa, não queria. Tem lá calma. Desculpa, sou um idiota.

— Porque é que estás a ser tão agressivo?

— Essa história da minha mãe dá-me a volta à cabeça. Não sei o que fazer, só queria que isto se fosse embora. Desculpa, não devia ter-te falado assim.

Lisa olhou para o namorado. Agora, parecia sincero.

— Está bem — concedeu. — Mas não é só isto, Fernão. Andas a dinamitar as pontes todas, a fugir de mim. Porquê?

Fernão olhou para o chão. Veio-lhe à cabeça o pânico da ligação de horas antes, quando sentira a água invadir os seus pulmões. Mantivera-se debaixo do mar muito mais

tempo do que alguma vez fora capaz, e sentira claramente que estava a um passo de perder a consciência, antes de fechar os olhos e regressar à tona aflito, a tossir, todo arroxeadado, com um ardor no peito. A namorada insistiu:

— Diz-me lá, a sério, vês um futuro para nós, ou não?

— É o que eu mais quero, mas não depende de nós, pois não? Quando o projecto acabar, hão-de dar-me uma atribuição... E basta juntar dois mais dois. Setúbal tem muito menos gente do que Lisboa, claro que não me vão deixar ficar aqui.

— OK, ficar em Lisboa é difícil, mas ir para o Sul, não é.

— Queres dizer que tu estarias disposta...? — Fernão tentou decifrar o rosto de Lisa na escuridão. Ela estava mesmo a sugerir que seria capaz de abandonar tudo para o seguir? Sentiu um calor novo, enquanto entrelaçava os dedos da namorada. Passou-lhe pela cabeça uma vida de estivador em Setúbal, Lisa como sua mulher. Mas imaginou Jacinto na cidade, e as duas realidades colidiram de imediato. Afastou a ideia.

Estavam diante do arco da rua da Bica de Duarte Belo. As duas carruagens do funicular enferrujavam, havia décadas, cada uma no seu terminal. Uma tristeza.

— Uma corrida até lá cima? — propôs o rapaz, subitamente animado.

Era o Fernão de que ela andava à procura. Arrancaram, entre risos, a puxar pelo fôlego para subir a encosta. Um jogo recorrente, ver quem ganhava a prova.

Mas, a dado momento, Lisa ouviu um baque e percebeu que a lanterna rolava pela calçada. Parou de imediato, chamou o nome do rapaz. Encontrou-o caído a poucos metros de distância, com um esgar de dor.

— Onde estás? Tudo bem? — perguntou ela.

— Aleijei-me — respondeu Fernão, entre queixumes.

### 3.

— Ó Fernão, então mas para que é que foi isto? — perguntou a vizinha, ainda não refeita do sobressalto.

A dona Graça parecia ter esquecido as maneiras: entrara-lhe pelo quarto dentro, sem pedir licença, a olhar para as paredes como a medir o espaço. A verdade é que não podia ir longe, com o obstáculo que jazia no centro da divisão.

— Uma surpresa, dona Graça.

— Qual era a necessidade? — A senhora apoiou no antigo módulo ambas as mãos, para comprovar que era robusto. — Olha para isto, ainda funcionava tão bem!



— Livro-a desse mono. Tem-me ajudado tanto... Só queria agradecer.

No apartamento da vizinha estava agora um módulo novo em folha, entregue naquela tarde de sábado. Um presente extravagante para uma velhota inactiva, com direito a escassos minutos de ligação ao Rest.

— Mas para que me serve um novo? Para o que eu o uso... Tu tens ideias!

— Aumentei o seu tempo de ligação, dona Graça. Um bocadinho mais, todos os dias. Sempre aproveita alguma coisa.

— Mas isso deve ter-te ficado muito caro! Onde é que tens crédito? Vejam lá que esbanjamento... Com uma velha como eu!

— Vá lá, alegre-se. Se o faço, é porque posso. Não vá é contar isto por aí, que as pessoas são invejosas. — Ela olhava o módulo antigo com ar dubitativo. Fernão tentou brincar: — Fico eu com o traste, já não lhe empato a vida.

— Empatavas nada! Sempre era companhia. Agora não te vou pôr a vista em cima.

— Esteja descansada, dona Graça, que eu vou passando — disse o rapaz, e simulou um bocejo. — Olhe, eu se calhar ia mas é estender-me um bocadinho. Esta mudança ainda me cansou.

A dona Graça acusou a deixa, embora não tivesse visto o rapaz mexer um dedo para ajudar os homens que tinham instalado a máquina. Quando ela saiu do apartamento, Fernão suspirou. Sentia os maxilares cansados do sorriso forçado.

Olhou de novo para o que agora era o seu módulo. Aquela velharia ocupava um terço do seu apartamento e ninguém poderia compreender porquê. Torceu o rosto com uma careta: o pé voltava a doer-lhe, resultado da queda de há duas noites. E o incómodo trouxe de volta outra inquietude: quando Lisa ficasse a par da situação, nova briga. Ainda passara a manhã angustiada, a cismar na possibilidade de cancelar a entrega do novo módulo. Agora já estava, o confronto seria inevitável.

Naquela tarde, ligou-se ao Rest.1. Horas a andar em círculos, sem saber o que fazer. *Ela* não aparecia, não era a hora combinada. De cada vez que fechava os olhos e se projectava noutra contexto, era como se arrasasse com cenários inteiros. Miniapocalipses.

Ao fim do dia, quando abandonou o receptáculo, sentia o ar do quarto viciado. Mas sair para quê? Era a própria cidade que tinha janelas fechadas. Olhava para o tecto, com a compressa embebida em água quente enrolada no pé, quando bateram à porta.

— Eu sabia que te ia encontrar aqui — disse Carola.

Com um gesto, ele pediu-lhe que entrasse, sem mostrar surpresa. Mas era impossível não tropeçar logo no módulo.

— Coisas da minha vizinha. Pediu-me que lhe guardasse isto por uns dias.

— É um bocado abusar, não?

— Eu sei, tira charme ao apartamento. — E, numa transição brusca, Fernão admitiu: — Não fui a Setúbal.

— Percebi. Não, não te preocupes, acho que o Marcello não desconfia.

Uma falta deliberada a um dia de trabalho no Instituto: ninguém se lembraria sequer de que tal ideia fosse possível. A água que aquecera para a compressa ainda dava para dois chás; Fernão procurou canecas.

Dava para ver que o amigo considerava o assunto «Setúbal» encerrado. Carola resolveu não insistir:

— Aproveitaste bem o dia pelo menos?

— Claro. Há tantas coisas para fazer em Lisboa.

Ela fez um sorriso frio. Havia um travo amargo naquelas piadas.

— Estou-te a achar um bocado áspero.

— Não és a única. — Ao tentar manusear a caçarola, Fernão entornou metade da água fora. — Desculpa, parece que agora sou desagradável com toda a gente.

— Então?

— Nada. Tudo uma desilusão.

— Estás a falar de Setúbal? — Carola usava aquele eufemismo com relutância, sem saber como abordar o assunto. Fernão abanou a cabeça. — Aqui, em Lisboa?

O rapaz exalou longamente, antes de confessar:

— Chateio-me. Mesmo no Rest.2.

— Mas há mais do que o Rest.2, não há? Tens amigos, a Lisa.

— Pois, a Lisa...

— Hã? Não me digas que... — Carola mostrava-se surpreendida, sem compreender aquela reacção.

— Não, eu adoro a Lisa, não há motivos... — Fernão pousou a caçarola, desistiu do chá. — Como é que hei-de explicar isto? Sou eu, Carola. Sou um desastre ambulante. Passo a vida a queixar-me das coisas e depois... A culpa é minha. Dou cabo de tudo.

\*

— Havia um elefante na sala — disse Lisa.

Elda abriu muito os olhos. O quê?

— Não literalmente, claro — precisou a rapariga, para depois repensar. — Ou quase, sim, porque aquela máquina ocupa o espaço de um elefante!

Só estava a tornar a situação mais confusa. Mas não tinha o direito de explicar; o módulo era um segredo de Fernão, só Tiago estava a par.

— Não estou a perceber — confessou Elda, baixinho, a piscar os olhos.

— Tens razão, não estou a ser clara. É assim: nós temos problemas, e andamos a fazer de conta que eles não existem. O que é inútil, porque eles vêm sempre à tona. É como tentar ignorar um elefante numa sala.

Lisa erguera a voz, e Elda viu-se forçada a fazer-lhe um sinal para falar mais baixo. Queria ajudar, mas não se conseguia libertar daquela aflição. Sabia que os pais estavam curiosos com a visita de uma rapariga de quem nunca tinham ouvido falar antes. O pai começara as habituais macacadas nas costas de Lisa, simulando olhos com os dedos em bico, e falando de «arroz xau xau» a despropósito. A mãe, por sua vez, enchia o ambiente de risinhos e atenções excessivas. Assim que Lisa se fosse embora, Elda teria direito a uma sessão dupla de perguntas e de zombaria.

Houve um silêncio embaraçado entre as duas.

— Se calhar não devia ter vindo... — desculpou-se Lisa.

— Oh. Porque não? Devias, pois.

— É que, no vosso grupo, eu sou só a namorada do Fernão. A mínima coisa que eu disser, alguém lhe há-de fazer chegar aos ouvidos, e eu até percebo, ele é que é vosso amigo. Mas em ti, sinto que posso confiar.

Fez de conta que lhe puxava a orelha. Tomava liberdades daquelas, um pouco desconcertantes, mas isso até agradava a Elda.

— Não lhe vou dizer nada, podes estar descansada. Eu *nunca* lhe digo nada! — garantiu Elda.

Lisa fixou nela um olhar intrigado. Já reparara que, na presença de Elda, Fernão se tornava provocador. A outra desviou a cara.

— Eu sei que ele às vezes não é fácil — reconheceu Lisa. Por via das dúvidas, perguntou: — Mas tu és amiga dele, não és?

— Se eu... — Elda emudeceu. Sinceramente, não tinha resposta pronta. — Sim... eu... acho que sim. Claro que sou amiga dele.

Elda bem via que a rapariga captava as coisas, talvez até já tivesse dado pela sua paixoneta infantil por Fernão. Águas passadas. E, afinal, fora Lisa a tomar a iniciativa de ir ter a sua casa para entrar em confiança, naquele fim de tarde de domingo.

— O que é que pensas fazer em relação ao elefante? — perguntou Elda.

Lisa fez o gesto de disparar uma arma na cabeça. Estava pelos cabelos. O disparate de oferecer um módulo novo à avó fora a gota de água. Não era parva. A discussão fora grossa, e abandonara a casa dele com um ultimato: ou ela ou aquela máquina.

— Dei-lhe uma semana. Ficar em cima dele não está a ajudar, é todos os dias uma discussão que não leva a lado nenhum. Que faça o que lhe apetece, que pense no que quer. Depois, tem de tomar uma decisão.

— Uma decisão, do tipo... a sério? Mas isso, quer dizer, seria uma pena se... — Elda varreu a ideia com o braço — Vais ver que sim. Vocês ficam tão bem juntos. Porque é que ele havia de destruir isso?

\*

Fernão deu mais um grito, reprimiu um palavrão. Era à queima-roupa.

— Devia ter vindo logo — afirmou o médico, contrariado, deixando enfim o pé em sossego. Estava inchadíssimo. — Água quente foi um disparate, devia ter posto gelo. Esforçou muito estes dias?

— Quase nada, fiquei em casa — afiançou o rapaz, sem pensar no que dizia. Num repente que o desmascarava, procurou Marcello com os olhos.

O tutor fez de conta que não ouvira e certificou-se com o médico:

— Mas não é grave, pois é?

Quando saíram os dois do consultório, Fernão levava o pé apertado em faixas e caminhava com o apoio de uma muleta. Não ousava levantar a cabeça, e Marcello não pronunciava uma palavra.

— Quando era puto, parti-me todo — revelou Fernão, em tom de piada, enquanto aguardavam o elevador. — Pernas, braço, cabeça, tudo.

— Não partiste o pé agora — limitou-se a constatar Marcello. Não estava mesmo a facilitar-lhe a vida.

— Desculpe lá — acabou por se decidir o rapaz. — Estava com dores no pé e achei melhor não ir. Julguei que se ficasse em casa dois dias isto se arranjava.

— Não era decisão tua. E, se ligavas, tinha mandado médico já.

— Eu sei, foi estupidez. Podemos esquecer isto? Já pedi desculpa...

A porta do elevador abriu-se, mas Marcello deteve-o com um braço.

— Está todo bem, Fernão? Semana passada, passou-se qualquer coisa. Valores muitos estranhos numa tua ligação. Como se teu fantasma estava em perigo.

*Isto dá para resolver*, pensou Fernão.

— Fui a Setúbal, no Rest.2. Estava a nadar. Engoli água, comecei a sentir que ia ao fundo, e com o pânico não conseguia voltar. Ia indo desta para melhor. Quer dizer, o meu fantasma.

Marcello acenou com a cabeça: fazia sentido.

— Isso pode ser duro. Por isso é que?... Ouve, se precisavas de um dia para ti, basta dizer. É experiência séria.

— Tem razão, devia ter falado consigo.

Marcello pousou-lhe a mão no ombro, aquela forma esquisita de mostrar que se interessava por eles, e entraram enfim no elevador.

— Mas diga-me uma coisa, Marcello. Estava a pensar. Se eu tivesse... se o meu fantasma se tivesse afogado e, bem, *morrido*... O que é que acontecia? Ao fantasma?

— Ao fantasma, nada. Voltava no dia seguinte. Não preocupa com isso.

#### 4.

A realidade fora coberta por uma cortina negra, sem forma, sem fronteiras, apenas um breu profundo que enfrentava sozinho. Uma impressão de cócegas no estômago, mas acima da cabeça: o corpo não caía, não tinha peso, flutuava em rotação contínua como objecto arremessado ao céu. E ele não detinha nenhum controlo, apenas uma liberdade ilusória, pois o mínimo impulso numa direcção qualquer exigia dele um esforço descomunal. Poderia vagar para sempre ali, em trajectória solitária.

*Rest.2*, pensou Fernão depressa, para tentar arredar receios, e fechou os olhos — aquele era um pesadelo antigo, encontrava-se perdido sozinho no espaço, abandonado para ir morrendo de olhos abertos, consciente do grande vazio. Acordava a gritar na sua cama, e a mãe acudia-o com grandes beijos, o cheiro forte da bata consumida.

Quando reabriu os olhos, o seu grito ecoou pelo espaço. Sentiu que escapava à condenação: eles ali estavam, os colegas, num novelo de corpos torcidos, braços e pernas enredados aos seus. Mas não pareciam conscientes, nem sequer despertos; apenas corpos inertes, que capotavam sobre si mesmos, numa marcha sem vontade: eram eles as estrelas. Com braçadas surdas, Fernão deu uma cambalhota, em busca de gravidade que lhe permitisse destrinçar-se daquele magma.

— Brísida. Ei, acorda — Fernão aflorou com um dedo a bochecha da rapariga, sem obter nenhuma reacção. Com os olhos vítreos, imperturbável, um manequim sideral.

Não tinha meio de sacudi-la e os seus esforços para a extrair daquele enleio não surtiam mais do que efeitos milimétricos. Bartolomeu parecia em posição de lançar um braço para o infinito. Gritou o nome do colega, de novo sem alcançar resultados. Carola, Elda, aquele de costas era Tiago?, todos em estado de suspensão, como se o tempo se tivesse dilatado e fossem necessárias horas para executar o mínimo gesto.

— Assim não dá — decidiu.

E fechou os olhos outra vez, assumia-se responsável daquela ligação. Deixou passar uns segundos, a fruir o silêncio, com medo do que viesse a encontrar. Passou-lhe pela cabeça que também podia simplesmente permanecer assim, de olhos fechados, à espera de uma intervenção externa. Mas a paciência sempre lhe faltara. Tinha de ver.

— Fernão! — gritou Brísida, quando ele reabriu os olhos.

Os colegas tinham despertado da letargia precedente, mas afastavam-se uns dos outros no espaço. Ele tentou tocar na mão que Brísida lhe estendia, e os seus dedos roçaram nos dela, mas não foi a tempo. Viu-a enlaçar a perna de Elda, numa manobra ágil. Bartolomeu conseguiu agarrar o ombro de Tiago. Mais ao longe, Carola negava o braço que Elda lhe oferecia para se deixar arrastar sozinha, como ele.

Sem apoios, sem força de atracção, Fernão viu-se apartado dos colegas, enviado para o vácuo, e desta vez não lhe serviu de nada cerrar as pálpebras. Deixara de ser capaz de governar a ligação. Continuavam a distanciar-se uns dos outros, sem modo de reverter o processo. Ainda era capaz de reconhecer os colegas, mas os contornos dos seus fantasmas esmiuçavam-se, em breve anular-se-iam no negrume, prisioneiros do espaço.

A luz toldava-se, embora nem sequer devesse existir naquelas condições. Quem atribuía contornos aos corpos celestes? E ele sentia muito frio, agora.

*Como é possível respirar no espaço?*, afligiu-se de repente, e compreendeu que o oxigénio lhe faltava, aspirar o ar gelado queimava-lhe os pulmões, em breve o coração quebraria. O pesadelo convertia-se em experiência real — mas o Rest não era real, isso ele sabia. Pensamentos contraditórios afluíam sem sossego, aturdiavam-no. E só pararam de o invadir quando, de modo brusco, sentiu que uma mão exterior pousava na sua.

Voltou a cabeça, assustado, e não soube o que pensar diante daquela figura familiar, demasiado familiar. Era um rapaz igual a ele, sem tirar nem pôr, uma cópia exacta que lhe cerrava os dedos débeis com força. Fernão tentou debater-se, agitar as

pernas. Em vão: o duplo tomava o controlo, colado ao seu corpo como um predador, tapava-lhe os olhos.

De repente, sentiu que caía num manto de nuvens. O mundo era todo branco, estava de novo imerso naquela névoa húmida, densa, que reconhecia de outra ligação de interacção. A cópia molesta ainda à sua frente, como um espelho, um inimigo, um demónio — mas para onde poderia fugir, se não havia matéria? Então, Fernão viu que o outro lhe estendia uma mão fechada, confiante de que ele seria incapaz de recusar a oferta. E o certo é que Fernão não resistiu a puxar pelos dedos, um a um, até descobrir pousada na palma, sobre aquela linha da vida idêntica à sua, uma bala de pistola. Uma bala dourada, com o tamanho certo, o peso perfeito.

O seu duplo parecia desprovido de palavra, mas Fernão percebeu logo o que lhe dizia. Havia um combate a travar, e só um deles ia sair dali.

\*

Carola deixou-se cair no chão, como se precisasse do embate para recuperar plenamente os movimentos. Pelo canto do olho, apercebeu-se de uma sombra veloz. Mexeu os cinco dedos da mão ao mesmo tempo: um segundo. À sua frente, uma rocha em forma de cubo. Ergueu a cabeça, atordoada da pancada, e contemplou os tons de verde, amarelo, castanho. Estava numa mata, era Outono.

Esfregou as mãos uma na outra para se livrar da terra molhada e levantou-se com cautela, à espera de qualquer outra surpresa desagradável. Sentia uma presença, mas, ao girar a cabeça, não havia nenhum sinal dos colegas. Chamou por quatro nomes, porque o de Elda fora riscado da sua lista. Não obteve qualquer resposta, só os pássaros chilreavam.

Pôs-se então a caminhar sem rumo, enquanto pingos de árvores gotejavam na sua cabeça. Os ruídos da floresta substituíam-se ao espaço ressonante, era o ecossistema de que precisava. A sua vida entrava de novo nos eixos, um dia de cada vez, e começava a acreditar que o pior tinha passado. Readquirira o gosto de chegar a casa, à noite, e de se sentar à mesa com a avó. Voltavam a conversar sobre tudo, ou quase, Dara inclusivamente fazia perguntas sobre o trabalho no Instituto. O projecto ia quase a meio, já faltara bem mais para receber a atribuição. Uma vida na cidade real, o futuro enfim!

Ficou baralhada ao reconhecer o ponto de partida, a rocha em forma de cubo, e um remexer de arbustos despertou outra vez a sua atenção. Ou seriam apenas ramos de

árvores ao vento? Levantou a cabeça, caiu-lhe uma gota em cheio no nariz. Apesar das nuvens, uma claridade difusa espalhava-se por entre as folhas.

Tomou outra direcção, caminhou para norte. Minutos de marcha, sempre em frente, até se esquecer. E, então, de novo, a mesma clareira, a rocha. E novo restolhar. Talvez um coelho, ou um javali. Virou-se de repente:

— Ei! Espera!

Não havia dúvidas, estava ali alguém, por entre a ramagem do terreno escarpado. Carola não hesitou, lançou-se declive abaixo, a perseguir um vulto que antevia apenas, e a quem gritava, pedindo para parar. O fugitivo, ou fugitiva, possuía mais agilidade do que ela, um ser da floresta. E Carola, por mais que se aplicasse na perseguição, pisava solo humedecido: acabou por escorregar, cair.

— Ai! — Efolara um pulso, e notou consternada o rasgão do agasalho, como se isso tivesse alguma importância. De barriga para o ar, cara torta, reconhecia a rocha em forma de cubo, mais uma vez.

— Magoaste-te? — perguntou uma voz fina, e um corpo miúdo surgiu por entre as folhas recortadas dos fetos.

Carola sentiu ao mesmo tempo vontade de rir e de amaldiçoar o Rest.2.

— O que é que estás aqui a fazer? Isto não é uma ligação individual.

Arrependeu-se longo de estabelecer um diálogo. Dispensava projecções. Fechou os olhos, à espera que a irmã desaparecesse.

— Deixa ver. — Mónica continuava a falar, agachara-se ao seu lado, já lhe pegava na mão para averiguar danos. Recomeçara a chover, era desagradável.

— Não foi nada. — Carola fugiu ao contacto, nem olhava para ela. Não estava disposta a aceitar fronteiras móveis: a sua família não pertencia às ligações de interacção.

— Porque é que és assim? Deixa lá ver se te magoaste.

Aquele comando perturbou-a, não reconhecia a voz tão determinada.

— Não me vou pôr aqui a conversar contigo. Tu não existes — afirmou Carola.

A outra juntara o pulso ao seu. O braço era ligeiramente mais pequeno, mas, sem ser isso, em tudo igual. Linha contra linha, tendão contra tendão, um duplicado perfeito, como a folha de um feto.

— Não percebes? — interpelou-a aquela intrusa.

Carola encarou-a de frente, assustada. A voz, a atitude, mesmo as diferenças imperceptíveis aos estranhos que só as duas podiam reconhecer. Não havia dúvidas: separavam-nas ainda dois anos, mas aquela não era Mónica, era ela própria.



— Não... não pode ser.

Tocou-lhe nas sardas, no cabelo, na esperança ou com receio de que fosse um holograma. Não era. Tão real, como se se tivesse desdobrado noutra versão. Perguntou, ansiosa:

— Porque é que estás aqui?

A chuva escorria pelas linhas do rosto reflexo. Emocionou-se, como se reconhecesse uma amiga querida. Ao longo daqueles meses, resgatara Mónica, mas abandonara a memória daquela outra miúda. Num ápice, reviu-se assim, mais pequena e frágil, mas cheia de vida, de aspirações. Como se esquecera daquela sensação plena de expectativas em aberto! O fantasma dobrado sorriu-lhe, respondeu à pergunta:

— Tu já sabes.

\*

Era um mar denso, de um azul escuro e oleoso, raiado a intervalos pela franja branca de espuma. As ondas sucediam-se a grande altura, baldões que escavavam armadilhas mortais ao homem que ali se aventurasse. Mas ninguém ousaria furar semelhantes águas, um par de braços não oferecia garantias. «Para terra, para terra firme» parecia ordenar, em dias daqueles, o mar revolto; enquanto, à traição, retinha no seu leito os corpos que nele entravam, sem outra defesa que o desejo.

Bartolomeu passou a mão pela boca cheia de areia: fora arremessado para a praia mas não recordava o ímpeto de uma onda. Dois segundos antes, o espaço aberto. E, no entanto, estava encharcado, como se tivesse acabado de sair do mar. Olhou para o lado, hesitante. Sim, Tiago também estava ali, igualmente estendido de bruços, de calções, mas demorou uns segundos a entreabrir os olhos. Quando o fez, Bartolomeu perguntou:

— Estás bem?

O amigo respondeu com um aceno, ainda zozno.

O céu estava carregado, anúncio de borrasca. Bartolomeu sentou-se, sacudiu a areia que se lhe colara aos braços.

— Os outros? — perguntou Tiago, enquanto se girava.

Mas ele não sabia. Por instinto, agarrara-lhe o ombro, e, em poucos segundos, os colegas já se tinham perdido na distância. Tiago deixou-se ficar de cotovelos fincados na areia, absorto, com os olhos postos no mar bravo. Com os olhos mais verdes, se isso era possível.

— Ei — Bartolomeu agitou uma mão em frente à cara dele, e Tiago sorriu como se voltasse à terra. — Achas que vai chover?

— Provável. — Tiago rodou a cabeça pelo areal extenso a perder de vista. O vento batia as dunas, criava redemoinhos no cabelo de Bartolomeu. — Se calhar devíamos procurar abrigo.

Mas não se moveu.

Bartolomeu reclinou-se. Concordava com Tiago, mas também não se sentia capaz de se levantar, dar dois passos. Uma força qualquer obrigava-os a permanecerem parados na praia, diante do mar tumultuoso, à espera do primeiro raio no horizonte. Trocou um olhar subtil com o amigo.

— Estamos condenados a ficar aqui, hã? — descodificou Tiago.

Bartolomeu tentou serenar, mas vacilava perante a tempestade em formação. Levantavam-se nele palpites nebulosos. Ao longo das últimas semanas, a sua angústia permanente fora amainando, já não se desgastava por inteiro no cepticismo face ao futuro. Em seu lugar, e pela primeira vez, vivia plenamente o presente — numa espécie de euforia irrequieta, incompreensível, que pressentia dever reprimir mas extravasava sempre.

— Podia ser pior — respondeu.

Aquela amizade nascente tinha algo que ver com essas mudanças. Tiago entendia-o, às vezes nem era preciso falar. Ou então, de outras vezes, encontrava as palavras certas, e tudo parecia mais simples. À noite, sozinho no quarto, ainda lhe acontecia lutar com uma ânsia sem forma cravada no coração. Ao reencontrá-lo, de manhã cedo, sentado à janela larga sobre Lisboa, tudo desaparecia.

Voltou a notar, nas costas dele, a tatuagem de cavalo-marinho que descobrira numa ligação de interacção anterior. Ia para abrir a boca, indagar se era real, mas lembrou-se de que Marcello os observava, preferiu calar a pergunta. Os seus olhos voltaram-se de novo para o mar irado.

— Mas... estão ali pessoas! — alertou, ao ver dois rapazes nadar nas águas. — Estás a ver, ali ao fundo. Não te parecem...? É impossível, mas são...

Tiago esforçou a vista, demorou a confirmar:

— Sim, somos nós. Eu e tu.

Como podiam identificar-se tão ao longe, era inexplicável; mas sabiam ambos que eram eles que furavam as ondas. Bartolomeu tentou levantar-se de novo, em vão. Temia uma catástrofe, e voltava a sentir-se agitado, com medo.

— Sossega, Bartolomeu — temperou Tiago, como se pressentisse o seu receio. O mar não lhe parecia assim tão arriscado. — Não há perigo.

Afinal, nadar era o que sabiam fazer melhor.

\*

Brísida escorregou no pavimento e sentiu que ia cair, mas foi amparada por Elda.

— Um barco? Não estávamos no espaço, ainda agora?

Elda não soube o que responder. Sob o céu pesado, os prédios desirmanados de uma cidade erguiam-se como destino. À direita, a ponte inconfundível.

— Almada — esclareceu Brísida, face ao aparvalhamento habitual da colega. — Isto é um cacilheiro. Já ouviste falar, suponho.

Aqueles barquinhos laranja que atravessavam o Tejo. Sim.

Sentaram-se as duas lado a lado, no exterior, indiferentes às rajadas de vento. Brísida espreitou de fininho para a colega, que enfiara as mãos geladas nos bolsos de um casaquito de malha. Agora calhava-lhe sempre aquela companhia? Estava bem arranjada.

— Isto não avança — constatou Elda, ao fim de dois ou três minutos.

— O quê? Ah, espera lá, tens razão... Mas não estamos paradas! — O barco sulcava o rio, mas o intervalo não diminuía. A Margem Sul continuava à mesma distância, como uma miragem, ou paisagem projectada.

Elda estudou os passageiros. Homens e mulheres, rapazes e raparigas da idade delas, semeados pelos assentos, alguns entretidos em conversas, outros mergulhados em leituras. Voltavam para casa. O Inverno rude não os perturbava, e ninguém se mostrava inquieto com a chegada adiada.

— Isto é quê, anos sessenta...? Mas não parece, não percebo estas roupas.

— Parecem mesmo pessoas, não é? — ousou dizer Elda.

Brísida reprimiu o comentário: agora é que descobria as projecções do Rest.2? Ou queria dizer outra coisa? Sim, talvez as pessoas levassem vidas mais autênticas noutros tempos. Pensou naquilo, e afirmou:

— De uma coisa podes estar certa: viviam melhor do que nós.

— Não duvido.

Brísida não queria, mas veio-lhe um sentimento de pena por aquela rapariga com corpo de passarinho. Parecia sempre tão triste, e agora, banida pela amiga, ainda mais. Carola teria as suas razões, mas era uma estouvada; mesmo que naquele caso fosse a

vítima, merecia-lhe menos simpatia do que a criminosa. E no seu íntimo pensou que, no fim de contas, a sua balança pendera sempre para aquele lado. Apetecia esbofetear Elda Visco, mas ela às vezes dizia coisas. Nada de relevante, não havia que exagerar, mas ainda assim.

Elda ergueu-se, foi buscar um pacote de bolachas de água e sal que estava abandonado numa cadeira.

— Tens fome?

— Obrigada — Brísida tirou uma, enquanto reparava no olhar de reprovação de uma vizinha. E sussurrou: — Aquela de cachecol cor-de-rosa ficou escandalizada por ires buscar as bolachas.

Riram-se as duas, Elda sempre um bocado aflita.

— Aposto que queria fazer a mesma coisa, mas não tinha coragem.

Imaginaram-lhe logo uma vida. Se tinha marido e filhos, que compras levava nos sacos de plástico, o que faria para o jantar. Elda dava com convicção as respostas mais inusitadas. Almada não se mexia, podiam esperar.

Mas, a dada altura, Brísida cansou-se e decidiu:

— Vou lá dentro ver como é.

Não convidou Elda, e nem ela se fez convidada. Entrou pela porta para o interior do cacilheiro, avançou pelo corredor central. Mulheres com casacos disformes, homens de bigode que olhavam para ela, tudo o que era de se esperar.

E então estacou o passo.

Sentada numa fila de cadeiras cor de laranja, uma réplica de si mesma observava-a sem mostrar o mínimo sobressalto. Brísida teve um pressentimento, quis desviar a face a fim de evitar o confronto, mas não foi a tempo. A outra começou a agitar-se de repente, em convulsões violentas, o corpo já se enrijava. Ao ver a espuma escorrer daqueles lábios iguais aos seus, Brísida fechou os olhos. *Não sou eu, não está a acontecer*, disse para si mesma, *ainda não é desta*. E correu para o convés, em busca de Elda.

Lá fora, a colega continuava de olhos postos em Almada, a imaginar para si mesma que outra vida ali levaria, se lhe fosse permitido desembarcar.

## 5.

O fim da semana chegou enfim.

Fernão observou a enorme rosa-dos-ventos gravada no chão. O astro solar encontrava-se a sul, o dia ia a meio. Avançou até às falésias, sem se apressar, ao som do vento que batia o promontório. A ponta de Sagres: o fim do mundo conhecido. Não se lembrava de nada do que aprendera na escola, mas retivera aquilo.

— Vens um pouco atrasado, não? — constatou o fantasma de Lisa.

Ele passara várias noites afastado do Rest.1, sempre a observar à distância o módulo no centro do quarto.

— Tive um acidente — exagerou Fernão. — Magoei o pé na outra noite.

— Andaste outra vez a brincar aos exploradores. Hum? Com ela?

— Sim, eu sei que não é épico. Mas pelo menos é real. — Apanhou um calhau e atirou-o ao oceano. Seguiu-lhe a trajectória até se afundar. — Viste? Plof. É esta a alternativa?

A outra manteve-se calada, a olhar o horizonte. E ele pensou no estranho encontro que vivera na ligação de interacção, naquela bala que o seu duplo lhe propusera.

— Acho preferível acabar com estes encontros aqui... É muito complicado.

— Achas preferível? OK. Diz-me que não tens vivido aqui momentos mais intensos do que lá fora. Diz-me isso, e eu desapareço, não me voltas a ver.

— O mais intenso é o melhor?

— São escolhas, imagino. Se o melhor para ti é andar a cirandar por uma cidade abandonada... Ninguém te impede.

— Não é assim tão simples. — O rapaz tornou-se mais ríspido. — Pára. Pára de me atazanar com jogos de palavras. As coisas não são assim, a preto e branco. O que me dá pica não tem de ser o que eu quero, racionalmente.

— Racionalmente? — e Lisa estalou a língua, como ele costumava fazer. — Pensas mesmo que és como o Bartolomeu, ou a Brísida, que agem *racionalmente*? Achas que te bastam os encontrozinhos no bar, as palmadinhas nas costas, a tua namoradilha? No fundo, tu sabes que não te contentas com isso. Sabes muito bem que não és assim.

Fernão ouviu aquelas palavras com um misto de raiva e de frustração. Não eram justas, tinha a certeza disso: os seus amigos contavam para ele, a sua namorada não era uma sonsa que o quisesse adestrar. Mas o que esta Lisa dizia também não era falso de todo, as palmadinhas nas costas não eram para ele, e não sabia se a outra Lisa era capaz de ver e compreender isso. *A outra Lisa...*

— Tu não és a Lisa — disse, vencido. — Não pode ser. É isto que está a dar cabo de mim...

— Não, eu não sou a Lisa. Eu sou outra pessoa, alguém que te compreende, que te percebe. A parte mais secreta de ti. Se achas que é mentira, corrige-me — disse a rapariga, e fez uma pausa antes de prosseguir. — O meu fantasma não importa, se é isso que te causa confusão muda-se.

Fernão sentou-se, tapou os olhos. Não era nada daquilo que pretendia quando, pouco antes, se decidira por fim a ligar-se. Estava resolvido a afastar-se daquela espiral, a retomar o controlo da sua vida. Mas como negar aquelas palavras, como fugir de uma realidade que queria refutar mas ressoava no fundo de si?

— Estou perdido — confessou, mais para si mesmo do que para ela.

— Achas que te posso ajudar? Eu... se eu conseguisse...

A voz não era... Destapou os olhos, já não era Lisa que estava ali, sentada a seu lado, mas...

— O que é que estás a fazer? O que é que...? — perguntou, baralhado.

— É mais fácil assim, não é? Para ti? — disse a rapariga, naquele fio de voz tremido. Assumira agora a imagem, a fala, o comportamento de Elda. — É que eu... Às vezes sinto-me tão perdida. Achas que me podes ajudar?

— Não faças isso... — pediu Fernão, relutante. — É estúpido... Não faz sentido.

— Eu sei... Não fiz bem, pois não? — e Elda alçou aquele olhar tímido, fez um sorriso indeciso, um pouco assustado, um pouco travesso. — Vais castigar-me?

Fosse quem fosse, aquela miúda percebia coisas sobre si de que nem ele próprio estava consciente. E tinha razão: era mais fácil assim, mais claro. Agarrou um braço de Elda com força, provocou nela um temor repentino. Chegou-lhe os dentes à cara.

— Não voltas a ser como ela... como a Lisa. Nunca mais. Promete.

— Eu... prometo — balbuciou Elda, atrapalhada. — Desculpa... Não queria. É que eu nem sempre sou capaz de...

Fernão agarrou-lhe o outro braço, fê-la estender-se no chão. Dominava-a por completo com um só braço. Apesar de manter uma expressão de medo, Elda emitia uns murmúrios lúbricos, e os seus olhos brilhavam, como fascinados, irresistivelmente atraídos pelo poder que só ele detinha. Fernão beijou-a com força, rasgou-lhe a camisa, deixou-a debater-se uns segundos até que ela se lhe subjugou.

\*

O rio não se ouvia. Na primeira noite em que tinham estado ali, Lisa contara-lhe que se chamava Mar da Palha ao estuário do Tejo, e esse nome transmitira-lhe então uma imensa tranquilidade.

A cabeça da namorada caíra sobre o seu ombro esquerdo. Ali estavam, outra vez, no largo das Portas do Sol, como num filme refeito.

— É tão bonito — Ele não encontrava palavras.

— Eu sei — respondeu Lisa, docemente.

Era sábado à noite. Uma semana tinha passado, Fernão não se decidia a falar.

— Acabou, não é? — perguntou Lisa, baixinho, ao fim de dois minutos de silêncio.

— Acho que sim. Desculpa.

Uma lágrima caiu pelo rosto da rapariga, e ela tentou enxugá-la de forma discreta. Depois outra, e outra. Não conseguiria limpá-las todas.

— Não queria pôr-me para aqui a chorar como uma madalena. Desculpa lá.

— Eu sei, foi tão especial... — Fernão não completou a frase. Estava também ele emocionado, as cordas vocais encolhiam-se. Mas sentia-se demasiado desprezível para chorar. — Nunca vou esquecer.

Lisa afastou-se dele, mergulhou a cabeça nos braços. Ficou assim, num pranto recolhido, apoiada na grade do miradouro. Fernão hesitava sobre o que devia fazer, mas seria indigno pôr-lhe o braço pelas costas ou tentar consolá-la de alguma maneira.

Algum tempo passou até que ela reemergisse, esfregasse a cara com os pulsos. Só então é que ele retomou a palavra:

— Tu foste a melhor coisa que me aconteceu na vida, mas eu... Há coisas que não sabes sobre mim. Eu destruo sempre tudo. Não sou bastante bom para ti. Se ao menos...

— Fernão, ouve... Ouve. — Lisa esperou pelo silêncio. — Por favor, não uses essa deixa: «Eu não te mereço.» A sério. Isso é uma desculpa de cobardes. Vamos deixar assim, está bem? Sem mais conversa. Não há razão para estragarmos isto.

Fernão acenou com a cabeça.

— Vamos voltar a ver-nos? — perguntou o rapaz um minuto depois.

— Claro, Lisboa é tão pequena. E depois, a minha avó fala de ti como se fosses neto dela, estamos fadados a encontrar-nos. Mas também não vamos misturar as coisas. Não posso continuar a sair contigo, ou a ir com os teus amigos para o Torel.

— Podemos ser amigos. Eu... eu não quero perder-te assim de repente.

Lisa não respondeu. Passou a mão pelo rosto dele, por aqueles cabelos desgrenhados de que sempre gostou. Então era mesmo adeus?

— Sabes voltar sozinho para a entrada do metro, não sabes?

Deixou-o ali, às contas com a escuridão de uma cidade que ela abrira para ele. Fernão ficou uns minutos sem saber o que fazer, irritado com o desfecho. Depois, com cautela, foi descendo a colina ao som dos seus próprios passos.

De regresso a casa, pensou em bater à porta da dona Graça, só para ver como estava. Não passara lá em casa durante toda a semana. Mas a senhora insistiria para lhe servir biscoitos e chá, ele não teria como entreter uma conversa que exigia sempre uma parte de ficção. O nome de Lisa não poderia deixar de surgir.

Em vez disso, fechou-se no seu apartamento frio, silencioso, mal iluminado. Sentia-se triste, desiludido consigo próprio, mas, com o passar dos quartos de hora, também já começava a achar que Lisa não procedera correctamente, sem se dignar conversar como devia ser.

Não havia por que fazer de conta, dali a pouco estava no Rest.1.

— Prefiro que não me faças perguntas — avisou.

E Elda ficou ao seu lado, quieta, com os olhos mortificados, a expiar culpas, até que ele se decidiu a passar-lhe o dedo pelo rosto, como um sinal de perdão.

— Queres que...? Se calhar podíamos escolher outro sítio, não?

— Não, aqui — decretou ele. — Hoje não quero fazer nada, está bem? Amanhã voltamos a falar.

Vista do cimo da ponte, a cidade morria no fim da tarde. Só o Tejo cintilava ainda, uma promessa de paz. Fernão levantou-se, olhou com tristeza para a companheira muda. Virou-se de costas, abriu os braços em forma de cruz e deixou-se cair no vazio.